

Desigualdade social avança após 22 anos e dificulta retomada econômica

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

São Paulo - O avanço da desigualdade social é mais um empecilho para a recuperação econômica, afirmou **Marcelo Neri**, diretor da FGV Social. Isso porque as pessoas mais pobres gastam mais e, assim, estimulam a atividade pelo lado do consumo. "Quando se coloca mais recursos na parte de baixo da pirâmide, há um apoio maior para o crescimento. Mas não é isso que estamos vendo", afirmou o especialista. Ele ressaltou que o Bolsa Família, um dos principais programas de transferência de renda do País, não foi reajustado entre 2014 e 2016, o que intensificou o problema. No ano passado, a desigualdade cresceu pela primeira vez desde 1993. Calculado pela FGV Social, o índice Gini chegou a 0,523 em 2016, uma alta de 1,7% na comparação com 2015. Além de causa, a piora do índice também é consequência da crise econômica, tendo como principais causadores a inflação e o aumento do desemprego, apontou **Neri**. Ele também comparou a abordagem do governo nessa e nas últimas crises. "Em 1999 e 2003, tivemos investimento social, o que facilitou a retomada. Dessa vez, não vemos esse tipo de aporte, o que deve complicar tudo." Sobre as medidas propostas pelo governo federal, **Neri** disse que ajustes fiscais, como a reforma previdenciária, são "necessários", mas devem poupar os mais pobres. O especialista indicou ainda que a disparidade não deve diminuir nos próximos anos. "O tombo foi muito grande em 2016 e não vejo ações sendo tomadas para mudar essa trajetória", justificou. Problema mundial A desigualdade também é vista em escala global. Divulgado no começo deste ano, o relatório "Uma economia a serviço dos 99%", da ONG Oxfam, mostrou que oito homens possuem a mesma riqueza que 3,6 bilhões de pessoas, metade da população do planeta. Em grande parte, esse fenômeno se deve a um crescimento maior do patrimônio dos mais ricos, enquanto que parcela considerável da população ainda sofre os efeitos da crise econômica de 2008, que fez a taxa de desemprego avançar e a renda média diminuir em vários países. Um dos destaques do renomado livro O Capital no Século XXI, do economista francês Thomas Piketty, foi que o rendimento do trabalho é inferior ao retorno do capital, o que ajuda a explicar o distanciamento dos ricos. Outro fator que colabora para o aumento da desigualdade é a transformação do mercado de trabalho. "Temos carreiras desaparecendo e um grande avanço da automação. Nesse cenário, o emprego assalariado recua e o emprego eventual cresce", afirmou Octavio de Barros, diretor executivo do Instituto República. O estudo Um futuro que funciona, apresentado em janeiro pela consultoria McKinsey, projetou que 50% dos empregos podem ser automatizados durante as próximas cinco décadas no Brasil. A análise indicou que uma substituição semelhante deve acontecer em todos os continentes e setores da economia. A tendência é que o avanço das máquinas no mercado de trabalho traga ganhos de produtividade e um crescimento econômico maior, mas também acentue as perdas de renda e o aumento do desemprego no mundo. Para enfrentar esse paradoxo, Barros e a McKinsey defenderam o fortalecimento de programas sociais. Uma das soluções citadas por ambos, a renda básica, já está sendo testada na Finlândia e deve aparecer em mais países ainda nesta década. "Existe uma espécie de consenso, principalmente em nações desenvolvidas, de que esse projeto será necessário para controlar a desigualdade", disse Barros. Em resumo, a renda básica estabelece a distribuição de dinheiro, pelo estado, sem a exigência de uma contrapartida da população que recebe os recursos. Complexidade Sobre a situação brasileira, o entrevistado defendeu a manutenção e o aperfeiçoamento do Bolsa Família. "O programa tem uma bela história de sucesso e não pode ser abandonado", elogiou Barros. Ele ressaltou, porém, que o quadro econômico do País é complexo e pede mudanças estruturais. "Para sairmos dessa situação, precisaremos de alterações maiores, como uma reforma tributária, que estimulem o crescimento e, assim, reduzam a desigualdade." Renato Ghelfi

taxa de desigualdade no Brasil*

